

Apresentação do dossiê tranfluências cosmpolíticas

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa
Profa. Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque

Nos dias 25 e 26 de março de 2025, nas dependências do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, foi realizado o “1º Colóquio Transfluências Cosmopolíticas: mitopoética, território, educação”, para o qual foram produzidos trabalhos agora apresentados em formato de artigos.

O Colóquio foi planejado e promovido de forma colaborativa por integrantes de um grupo de estudos de perfil interdisciplinar, como culminância de um ano de reflexões compartilhadas¹. Este grupo é composto por professores do ensino superior de três universidades mineiras,² docentes do ensino básico de Belo Horizonte, Ouro Preto e Mariana,³ pós-graduandos⁴ e graduandos⁵. Trata-se de um grupo inusitado até mesmo por sua agenda: as reuniões acontecem em modalidade digital todas as sextas-feiras entre 17 e 19 horas, bem no período que costuma ser dedicado, quando possível, a lazeres de *happy hour*...

A despeito de tal cronograma, que muitos consideram desestimulante, o grupo de estudos não só vingou como foi sendo ampliado ao longo de 2024: o último ingresso, ocorrido em novembro, possibilitou o diálogo com uma pesquisadora da academia francesa.⁶

Consideramos que o dinamismo e a persistência dos encontros desse grupo de estudo possam ser atribuídos, ao menos parcialmente, à relevância da temática transversal aos encontros semanais: a cosmopolítica. O primeiro contato com essa incitação, por parte do grupo, foi efetivado a partir do artigo intitulado justamente “A proposição cosmopolítica”, de

¹ Os organizadores deste dossiê, também fazem parte de tal grupo de estudos, cujas atividades foram iniciadas em abril de 2024.

² Da Universidade Federal de Lavras, da Universidade Federal de Ouro Preto e da Universidade Federal de Viçosa.

³ Do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, da Secretaria Estadual de Educação – Minas Gerais, da Secretaria Municipal de Educação de Mariana e de colégios particulares.

⁴ De Programas de Pós-Graduação em História (UFOP) e em Patrimônio, Paisagem e Cidadania (UFV).

⁵ Dos cursos de História, Música e Comunicação Social.

⁶ Université Lumière Lyon 2.

Isabelle Stengers, publicado na França em 2007 e traduzido para o português em 2018. De forma muitíssimo resumida, é possível afirmar que, para Stengers, a cosmopolítica apresenta-se como uma postura epistêmica que defende a desaceleração da produção de saber, diante das pressões produtivistas do meio científico (acopladas a expectativas midiáticas e mercadológicas). Em desdobramento, em termos existenciais, éticos e políticos, a cosmopolítica favorece o emergir de sensibilidades entre pesquisadores, sujeitos e comunidades com entidades não humanas (como a fauna, a flora, as águas, as terras e todo o existente), isso em um contexto histórico cada vez mais agravado pela crise do Antropoceno⁷/Capitaloceno.⁸

O cosmos, aqui, deve, portanto, ser distinguido de todo cosmos particular, ou de todo mundo particular, tal como pode pensar uma tradição particular. E ele não designa um projeto que visaria a englobá-los todos, pois é sempre uma má ideia designar um englobante para aqueles que se recusam a ser englobados por qualquer outra coisa. O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos. (Stengers, 2018, p. 446-447)

Em suma, a cosmopolítica postula que a pluralidade de mundos precisa ser endossada; que as experiências comunitárias locais precisam ser valorizadas; sobretudo, que o desconhecido que atravessa esses mundos múltiplos, divergentes, precisa ser respeitado, sem que isso inviabilize as articulações que possam ser empreendidas para o fortalecimento mútuo dessas singularidades perante uma ordem capitalista cada vez mais avassaladora.

Por sua vez, a proposição cosmopolítica insere-se na gama diversificada dos pós-humanismos⁹, que defendem não ser mais possível perceber a condição humana como

⁷ Período geológico em que a ação humana é tão intensa que modifica a própria estrutura do Planeta.

⁸ Capitaloceno é uma conceituação crítica à concepção de Antropoceno, destacando que a ação humana na “era do capital” se mostra decididamente perpassada por relações políticas e econômicas de apropriação da natureza, diretamente associadas, por sua vez, à destruição ecológica. Segundo Stengers e Pignarre (2017), o capitalismo renova-se constantemente, gerando a sensação de inexistência de alternativas a ele; dessa forma, segundo esses autores, ele opera como um “sistema feitiçeiro”, com potência de capturar práticas, entendimentos e sensibilidades, reconfigurando-as de acordo com suas premissas, inclusive no que tange ao uso desmedido/descarte do “meio natural”.

⁹ “[...] o termo ‘pós-humano’ tem se tornado um termo central, mas também genérico, para lidar com a complexa

Revista Devir Educação, Lavras, vol.10, n.1, e-1229, 2026.

autônoma no Planeta, pois afinal vivemos em sociedades cibernéticas e multiespécies. Assim, as correntes pós-humanistas reconhecem a concomitância de muitas maneiras de existir (ontologias) e conferir sentido ao estar no mundo, e não apenas aquelas participantes do mundo globalizado do mercado e da tecnologia digital.

Daí, inclusive, o motivo da agregação do termo “transfluências” à “cosmopolítica” na designação do Colóquio, expressão que se tornou conhecida por seu emprego por Antônio Bispo do Santos (Nego Bispo). Este autor refere-se às transfluências como uma afetação mútua entre os seres humanos e outros-que humanos, que permite seu existir comum e sua comunicação:

O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma. [...] Os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem [...] Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não refluí, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. (Santos, 2023, p. 30-31).

A partir da designação do Colóquio, foram então selecionadas três questões principais a serem problematizadas no evento: as mitopoéticas, os territórios e a educação. A opção pelas mitopoéticas deveu-se à necessidade sentida pelo grupo de contraposição à eclosão de narrativas distópicas na contemporaneidade, as quais muitas vezes apelam ao cinismo, quando não aos discursos de ódio e aos negacionismos. Como alternativa a essas expressões áridas, desalentadoras, decidimos nos voltar aos relatos mitopoéticos, plenos de encantamento e potências de encontro. Ademais, como preconizado pelo historiador e teórico interdisciplinar Michel de Certeau,

necessidade de uma redefinição integral da noção de ser humano provocada pelos desenvolvimentos tecnocientíficos dos séculos XX e XXI. Embora todos os discursos pós-humanistas tenham o mesmo ponto de partida, isto é, a transformação da existência humana pelas tecnociências e a incontornável confusão de fronteiras entre natureza, cultura e tecnologia, há diferenças consideráveis entre as abordagens.” (Neves, 2022, p. 155). Justamente por essa pluralidade semântica, optamos por utilizar a expressão pós-humanismos no plural.

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força, e como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico [...] sem retirar nada que seja àquilo que se diz cotidianamente, os relatos de milagre respondem a isso ‘de lado’, de viés, por um discurso diferente, no qual só se pode ‘crer’ – da mesma forma que uma reação ética deve acreditar que a vida não se reduz àquilo que se vê. (Certeau, 1994, p. 85; 77)

O GT “Cosmopolítica e mitopoética” contou com quatro produções intelectuais. A primeira intitulou-se “Uma mitopoética do catolicismo mineiro e suas implicações cosmopolíticas: a Virgem da Lapa de Antônio Pereira (Ouro Preto-MG)”, de autoria de Virgínia Buarque, Isaías Gabriel Franco e Jhaynara Pimentel. Nesse trabalho, os autores abordaram devoção que a comunidade do distrito supramencionado dedica a Nossa Senhora, discutindo os critérios teórico-políticos que constituem essa manifestação de sacralidade como uma mitopoética e que a aproximam da proposição cosmopolítica. O texto busca, em paralelo, entrecruzar os aspectos configurantes dessa mitopoética com questões vinculadas a demandas territoriais e a práticas educacionais assumidas no Distrito.

O segundo trabalho, “Mitopoética: algumas notas sobre a literatura do espírito”, escrito por Vanderlei Barbosa, reflete sobre as interlocuções que vêm sendo promovidas entre o humano e o espaço “natural”, a ciência e a filosofia, a cultura e a tecnologia, a razão e a fé, na superação de antigas dicotomias ocidentais. Tais incitações mútuas mantêm forte afinidade com uma compreensão mitopoética da existência, que evocando a dimensão criadora das narrativas e do simbólico, proclama a conexão de todas as entidades existentes não apenas no plano da corporeidade, mas também do imaginário, do ancestral, do sagrado.

Outra contribuição adveio do artigo “Da Mitopoética à cosmopoética – linguagem e corpo danificados, mundos plurais”, elaborado por Maria da Conceição Coelho Ferreira. Ancorado em João Guimarães Rosa, em diálogo com o pensamento de Donna Haraway, que propõe o pensar com o outro como gesto ético e político, assim como com os conceitos de perspectivismo ameríndio e de virada ontológica de Eduardo Viveiros de Castro, o presente artigo investiga a transição da mitopoética para a cosmopoética como modos de pensar a linguagem, o corpo e a experiência em contextos de crise e descolonização do pensamento. Enquanto a mitopoética atua como uma resistência simbólica e permite escutar mitos e narrativas tradicionais como formas de resistência cultural, a cosmopoética amplia essa escuta

para uma prática ética e política de criação de mundos em comum, marcada pela abertura para a alteridade e para a pluralidade ontológica.

Finalizando este GT, Patrícia Cardoso Chaves Pereira e Andrea Barbara Pinto Nogueira formularam a apresentação “Elementos indígenas nas canções de câmara de compositoras brasileiras”. No artigo daí decorrente, as autoras procederam a um inventário de compositoras brasileiras e suas canções de câmara com temática indígena integrantes do Acervo de Partituras Hermelindo Castello Branco, sendo identificadas 8 compositoras e 16 canções. Com base nessas fontes, as duas pesquisadoras indicam que as canções mantêm um viés folclórico na abordagem da cultura ameríndia, o que geralmente suscita um entendimento estereotipado das culturas e maneiras de viver dos povos originários. Não obstante, as autoras também apontam que a menção a tal temática nas músicas indica uma associação entre o “ser brasileiro” e a “presença indígena”, a qual pode vir a ser ressignificada, em termos culturais, sociais e políticos, pela proposta cosmopolítica.

Quanto ao território, o grupo cogitou ser necessário incluir no Colóquio uma dimensão de experiência social que ajude na superação dos dualismos da cultura ocidental (como os estabelecidos entre cultura e natureza, mente e corpo, matéria e energia etc.). Afinal, para existirmos, precisamos, sim, de um chão sob nossos pés, de um céu sobre nossas cabeças, de ar nos penetrando e nos vitalizando a cada momento, e necessitamos igualmente nos interrelacionarmos com todas essas agências. Daí a opção pela temática do território, entendido pelo grupo de estudos como um espaço habitado por humanos e outros-que-humanos não porta valor de troca (mercadológico), não se atém à noção propriedade, porque é uma condição de vida. Nessa perspectiva, o território apresenta-se como um espaço contraposto à colonialidade. De forma simultânea, territorialidade foi significada pelo grupo como uma maneira de viver no território, em dinâmicas por vezes conflitivas, mas sempre simbólicas (de identidade e pertencimento). Ademais, a cosmopolítica vislumbra a reconexão de territórios (com ancestralidades, com *modus vivendi* nas “brechas” da ordem capitalista:

Nesse ínterim, começa a ser reconhecido o potencial das muitas narrativas que pensam o mundo em termos de uma pluralidade de historicidades e de agenciamentos que coexistem e convivem em relações de cunho cosmodiplomático. As epistemologias que celebram a diversidade e escapam à lógica dicotômica da modernidade parecem capazes de reconectar

territórios, propagar uma escuta subjetiva e sensível e fazer nós, ocidentais, enxergarmos com os olhos que, de tão automatizados, atualmente nada veem. (Seixlack, 2023, p. 278)

O GT “Cosmopolítica e Território” contou com dois estudos. Um deles teve como título “Cosmopolítica, Territórios e Educação”, em dupla autoria: Marcone de Souza Guedes e Maycon Gabriel Sant’Anna Gomes. Este texto discutiu, inicialmente em âmbito teórico-conceitual e a seguir a partir da sua concepção para o Coletivo indígena Borum-Kren, a relação entre cosmopolítica e a noção de território. Em desdobramento, ele abordou a presença (ou melhor, a ausência) de uma concepção indígena de território no Currículo de História do Estado de Minas Gerais, assim como seu enfoque em inter-relação com a proposição cosmopolítica.

O segundo, “Territórios de esperança: usos da memória, elaborações de narrativas e a construção do território como patrimônio cultural”, escrito por Leonardo Civalle em formato ensaístico, apresenta uma síntese das reflexões de dois encontros acadêmicos ocorridos na cidade de Ouro Preto em setembro de 2024 e março de 2025. O artigo postula uma compreensão de território como um espaço de convergência entre naturezas e culturas, bem como de patrimônio como uma formulação provinda de memórias e de narrativas de grupos sociais em inter-relações com as localidades (e entidades não-humanas aí presentes) com as quais vivenciam uma sensibilidade de pertencimento. Dessa maneira, o patrimônio cultural pode ser entendido como uma política de reconhecimento de usos públicos de um território, o que confere à concepção de “uso público” um sentido cosmopolítico.

Por fim, como não falar de educação, nós, que somos educadores e educadoras, que nos inquietamos a cada dia sobre como o ensinar-aprender pode se tornar uma aventura fascinante, ainda que difícil e até perigosa, porque desvela facetas de nós mesmos e daqueles com quem convivemos nesse específico contexto histórico que muitas vezes não sabemos como lidar, ainda mais como transformar. Logo, a educação é crucial, porque prática de liberdade compromissada, esteio de humanização, parceira dialógica entre espécies e ontologias que coabitam o Planeta e não aceitam sua destruição. Sob o viés da proposição cosmopolítica, educação pode então ser entendida

[...] como possibilidade de se criar encontros, nas redes que formamos e nas quais somos formados/as [...]. Já os currículos podem ser concebidos como *espaçostempos*, acontecimentos que advêm desses encontros, tramas e

tessituras [...]. Assim, os currículos pressupõem itinerários, movimentos, linhas e redes que se desdobram em questões existenciais e voltam a se transformar em questões epistemológicas. (Toja; Chagas; Rangel, 2023, p. 899-890).

Sob a inspiração cosmopolítica, talvez seja possível à prática educacional combater autoritarismos, preconceitos, violências estruturais à sociedade brasileira, principalmente mediante uma atenção à “[...] vida que transborda nas escolas. A vida constituída pelas diferenças. [...] a vida, [que] em seus devires em tempos de catástrofe, [consegue] vazar/romper/seguir linhas de fuga, porque ‘[...] sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação [...]’ (Deleuze *apud* Schuchter; Paoliello; Moreira, 2018, p. 237).¹⁰

Mais uma vez, este foi um GT com quatro participações. Ele foi aberto por Paulo Henrique Pinto Coelho Rodrigues Alves e Aline Cristine da Silva Muniz, com o artigo “Educação Musical Inclusiva como linguagem cosmopolítica: diversidade e desafios”. Segundo os autores, a cosmopolítica, entendida como a consideração de múltiplas perspectivas e agentes na construção do conhecimento, oferece uma lente inovadora para repensar práticas pedagógicas na educação musical. No artigo, é priorizada a discussão sobre metodologias de ensino que favoreçam a inclusão de alunos com deficiência na aprendizagem musical, considerando-se as várias dificuldades encontradas pelos educadores nesse processo educativo. A inspiração cosmopolítica propicia a superação da valorização do “capacitismo”, valorizando a diversidade de corpos e modos de existência no fazer musical.

A seguir, Cibele Aparecida Viana e Silvany Diniz Ferreira apresentaram o texto “Cosmopolítica e ensino de história em contraposição ao Currículo Referência de Minas Gerais”. Neste artigo, as autoras problematizam o currículo do ensino de História na educação básica de Minas Gerais, propondo, a partir das habilidades contempladas no documento “Currículo Referência” desse Estado, estratégias pedagógicas que proporcionem uma formação escolar em viés cosmopolítica. As autoras almejam, com esse exercício, suscitar alternativas para educação de estudantes que articule as dimensões de crítica intelectual à

¹⁰ Os autores procedem à transcrição do livro Deleuze, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006, à p. 103.

sensibilidade ética e afetiva, não apenas entre distintos grupos humanos, mas também na relação com existências outras-que-humanas.

O terceiro trabalho foi “Bandas de música, negritude e educação: esboço para uma etnografia das práticas musicais urbanas em Ouro Preto”, produzido por Bernardo Vescovi Fabris. Elegendo as bandas de música ouropretanas como tema de estudo, o autor problematiza a partir delas a presença de marcas de negritude em seu repertório e sonoridade, face à inquestionável e importantíssima presença negra na cidade desde o período colonial. O artigo indica que essas bandas, muitas vezes vistas apenas sob a ótica da tradição europeia, operam, no contexto de Ouro Preto, como espaços de sociabilidade, resistência e afirmação da cultura afro-brasileira; afinal, na cultura negra, a música nunca foi somente expressão estética, constituindo igualmente uma tecnologia de sobrevivência, de transmissão de saberes, de organização comunitária e de criação de mundos. Daí a vinculação à proposição cosmopolítica, que se desdobra na reflexão sobre a possibilidade de uma etnografia musical contextualizada, inclusive em âmbito de ensino-aprendizagem.

O dossiê é concluído pelo artigo “A menina, o poeta e o louco: o não-senso e a cosmopolítica como emergentes do subjetivo no espaço acadêmico”, escrito por Luiz Guilherme Mascarenhas Alves e Maria Lucília Borges, como um ensaio retrospectivo do Colóquio, principalmente das linguagens nele acionadas. Para tanto, o artigo dialoga com autores como Gilles Deleuze e sua concepção de “não-senso”, Julia Kristeva e a questão do mal-estar humano, cotejados com a proposição cosmopolítica. O autor parte da premissa de que a consideração acerca da abordagem semiótica das linguagens e dos processos de subjetivação na aprendizagem (inclusive no ensino superior) pode potencializar a constituição de outros mundos possíveis.

Quais incitações nos foram deixadas pelo “1º Colóquio Transfluências Cosmopolíticas”, principalmente para uma “agenda” epistêmico-política cosmopolítica para nossas práticas pedagógicas? Consideramos que uma das mais importantes delas seja o reconhecimento de que os saberes-fazerem precisam ser formulados de forma interlocutória, mediante um processo de intensa e efetiva partilha de relações cotidianas. Se pautamos nossas reflexões e percepções com base em nossas trajetórias e experiências (os “nossos mundos”), é

igualmente crucial que também dialoguemos com “outros mundos”, em formato de convite não só para a troca de ideias, mas para a construção efetiva de um *buen vivir*.¹¹

Por isso, se cada elemento da tríade abordada no Colóquio – mitopoética, território, educação – foi refletido a partir de distintas experiências socioecológicas, uma preocupação do grupo de estudos foi igualmente a de manter interlocução com agentes dessas vivências locais, em sintonia com a proposição cosmopolítica. Em decorrência, ficamos muito gratos pela presença de diferentes sujeitos e setores institucionais no decorrer do evento, a saber: a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFOP, na pessoa da pró-reitora adjunta Raquel Leite Bráz; a Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão da UFOP, através de seu coordenador, Marcelo Dias de Santana; a Casa do Professor de Ouro Preto, representada pela docente Karen Vasconcelos; Danilo Borum-Kren, cacique da etnia Borum-Kren e chefe do Departamento de Cultura Indígena da Secretaria de Cultura de Ouro Preto; os pós-graduandos e graduandos de diferentes cursos que se fizeram presentes, além de docentes do Departamento de Música da UFOP, representado pelos professores Tabajara Sant’Ana Belo, chefe de Departamento, e Edésio de Lara Melo, presidente do Colegiado.

Cabe ainda, sob a perspectiva da premissa dialógica acima referida, registrar a parceria com outros grupos de estudo e pesquisa para efetivação do Colóquio: o Núcleo de Mentalidade e Memória do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da UFOP, coordenado pelo professor Dr. Edilson Vicente de Lima; o Grupo Mosaico, coordenado pelo professor Dr. Vanderlei Barbosa, da Universidade Federal de Lavras, e o Grupo Lettres et Civilisations Étrangères, coordenado pela professora Dra. Maria da Conceição Coelho Ferreira, da Université Lyon 2.

Almejamos que os/as leitores/as possam experienciar, através dos textos que seguem, uma maneira muito própria de continuação/atualização do Colóquio, em que suas

¹¹ “O *Buen Vivir*, na realidade, se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida. O *Buen Vivir* não é uma originalidade nem uma novidade dos processos políticos do início do século XXI nos países andinos. Nem é uma espécie de superstição ou poção mágica para todos os males do mundo. O *Buen Vivir* é parte de uma grande busca de alternativas de vida forçadas no calor das lutas da humanidade pela emancipação e pela vida. O que é notável e profundo nestas propostas é que estas surgem de grupos tradicionalmente marginalizados. Elas convidam a arrancar pela raiz vários conceitos considerados indiscutíveis. Questionam a ética do “viver melhor” na medida em que supõem um progresso ilimitado que nos convida a uma competição permanente entre os seres humanos.” (Acosta, 2016, p. 201).

expectativas, questionamentos, provocações, possam também ser trazidos à baila, em uma “roda de conversa” mediada pela revista *Devir Educação*.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O buen vivir**. Uma oportunidade de imaginar outro mundo. São Paulo: Elefante/Autonomia Literária, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEVES, Cecília de Sousa. **O problema do pós-humanismo na filosofia contemporânea e o questionamento de Feenberg**. 2022. 395f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Piseagrama; Ubu, 2023.

SCHUCHTER, Terezinha Maria; PAOLIELLO, Juliana; MOREIRA, Nilcéia Elias Rodrigues. Cosmopolítica e potência de vida: o acontecimento como força para um currículo da diferença. **Linha Mestra**, v. 12, n. 35, 2018.

SEIXLACK, Alessandra Gonzalez de Carvalho. Um fazer histórico xamânico: o potencial cosmo-histórico de reconectar territórios no Antropoceno. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 54, p. 725-746, set./dez. 2023.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. **La brujería capitalista**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.

TOJA, Noale; CHAGAS, Cláudia Regina; RANGEL, Leonardo. Ecce Femina pela cosmopolítica das linhas: tecendo bordados com mulheres e bruxas e grãos e animais nas redes educativas. **Retratos da escola**, v. 17, p. 39, 2023.